

2 EMPREGO E RENDA

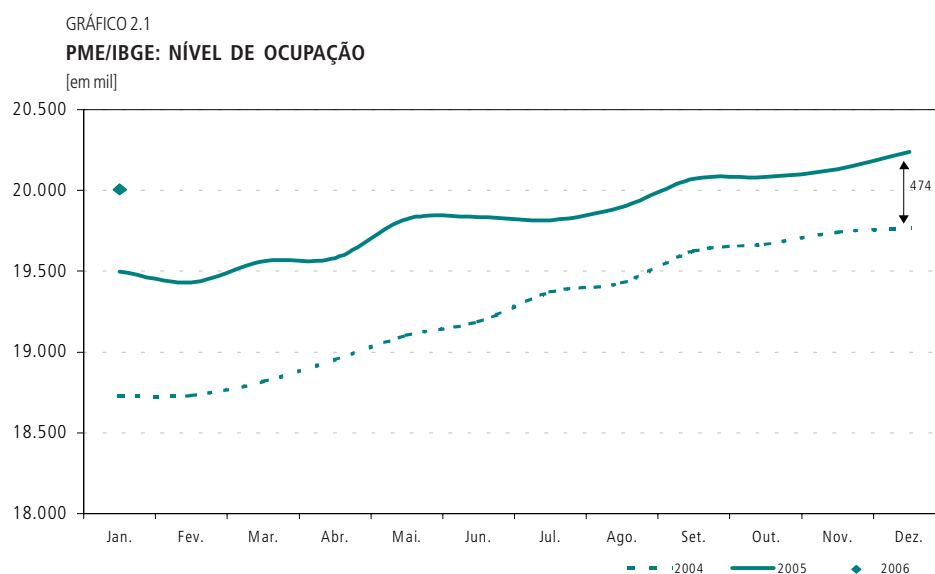
A criação de novas vagas de trabalho foi relativamente modesta ao longo de quase todo o segundo semestre de 2005, mas, de acordo com as edições mais recentes da Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, o mercado de trabalho parece ter retornado a um ritmo mais aquecido no último mês do ano passado e janeiro deste ano.

As principais características do mercado de trabalho em 2005 foram o crescimento do emprego formal e a redução da taxa de desemprego. O primeiro fenômeno está relacionado ao impacto do crescimento do emprego em setores ligados à exportação e ao aumento da fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), enquanto o segundo é, em parte, explicado pela expansão mais lenta da população economicamente ativa (PEA). Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos também apontam para um processo de recomposição mais consistente, ainda que não necessariamente contínuo mês a mês. Em dezembro de 2005 esse indicador atingiu a maior variação anual já registrada na nova metodologia da PME — iniciada em março de 2002.

OCUPAÇÃO

O crescimento da ocupação nas seis regiões metropolitanas cobertas pela PME desacelerou desde o final de 2004 (Gráfico 2.1), atingindo em novembro a marca de 391 mil novas vagas no acumulado em 12 meses — o menor patamar desde março de 2004.

Em dezembro, entretanto, houve quebra nessa tendência com a criação de 107 mil novos empregos — a maior oferta de novas vagas para meses de dezembro na nova PME.



Mesmo assim, o mercado de trabalho fechou 2005 com 474 mil novas ocupações, o que representa uma queda de 26,6% ante os 646 mil novos empregos no ano anterior. A reaceleração da taxa acumulada em 12 meses prosseguiu em janeiro, pois, mesmo tendo havido uma queda de 232 mil vagas neste mês, foi a menor redução de empregos ocorrida em um mês de janeiro (-268 mil em 2005 e -392 mil em 2004). Com isso, o número de novas ocupações no acumulado em 12 meses voltou a superar a marca de 500 mil, caracterizando um crescimento anual de 2,6%.

Setorialmente, a ocupação cresceu de maneira heterogênea. A indústria mostra nítida perda de ímpeto na criação de novos empregos frente ao mesmo período do ano anterior (Tabela 2.1). A queda de 2,2% em janeiro ante dezembro de 2005 reduziu ainda mais a variação anual — para apenas 0,5%, diante dos 4% em janeiro de 2005. Assim esse setor criou, em termos líquidos, apenas 64 mil ocupações em todo o ano passado. Os dados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes), também do IBGE, indicam o mesmo comportamento de desaceleração no surgimento de novas ocupações nesse setor. Em dezembro de 2005 — último dado disponível — a confirmação de variação negativa pelo terceiro mês seguido, ante o mês imediatamente anterior, reduziu o crescimento anual do emprego para 1,1% em 2005 (ante 1,8% em 2004).

A construção civil, ao contrário da indústria, recuperou-se da queda de 1,7% da ocupação no terceiro trimestre do ano passado, em relação ao período anterior, e voltou a crescer no último trimestre do ano (4,8%). Em janeiro de 2006, mesmo com queda de 1,7% na ocupação, a construção civil ainda mostra variação anual de 2%, superior ao crescimento de 0,7% registrado no mesmo mês de 2005. O comércio também mostrou maior aquecimento no quarto trimestre (2%) em relação ao período anterior. Com isso, houve um impulso da variação de empregos, ante o mesmo trimestre do ano anterior, de 1,4% no terceiro trimestre para 2,4% no período seguinte. Em 2005, foram criadas 69 mil oportunidades de trabalho nesse setor. Todavia, em janeiro de 2006, houve, em termos líquidos, mais fechamento de vagas (33 mil) do que no mesmo mês de 2005 (19 mil).

O setor de serviços às empresas¹ foi o que registrou o maior ritmo de expansão da ocupação, sendo responsável por 33% — ou 156 mil — de todos os novos empregos no ano

TABELA 2.1
PME/IBGE: VARIAÇÃO NA OCUPAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE
[em %]

Período	Indústria		Construção civil		Comércio		Serviços a empresas		Administração pública		Serviços domésticos		Total	
	Período anterior	Período ano anterior	Período anterior	Período ano anterior	Período anterior	Período ano anterior	Período anterior	Período ano anterior	Período anterior	Período ano anterior	Período anterior	Período ano anterior	Período anterior	Período ano anterior
	Jan./2005	-1,0	4,0	-4,5	0,8	-0,5	3,6	-0,9	7,6	-0,4	1,1	-2,5	10,7	-1,4
1º trim. 2005	-1,4	5,5	-2,3	-0,6	0,7	2,1	-1,2	7,7	0,4	2,7	-1,4	9,0	-1,2	3,9
2º trim. 2005	0,5	2,9	0,8	4,8	0,0	1,8	-1,4	1,9	4,4	3,5	5,7	11,0	1,3	3,5
3º trim. 2005	1,5	1,6	-2,4	3,4	-0,2	1,4	5,2	4,5	-0,9	0,7	1,3	8,3	0,9	2,3
4º trim. 2005	1,3	1,9	4,8	0,7	2,0	2,4	1,8	4,2	0,3	4,1	-2,4	3,0	1,1	2,2
Jan./2006	-2,2	0,5	-1,7	2,0	-0,8	1,4	0,4	7,1	-0,3	4,5	0,6	5,5	-1,1	2,6

1. Essa classificação também compreende aluguéis, atividades imobiliárias e intermediação financeira.

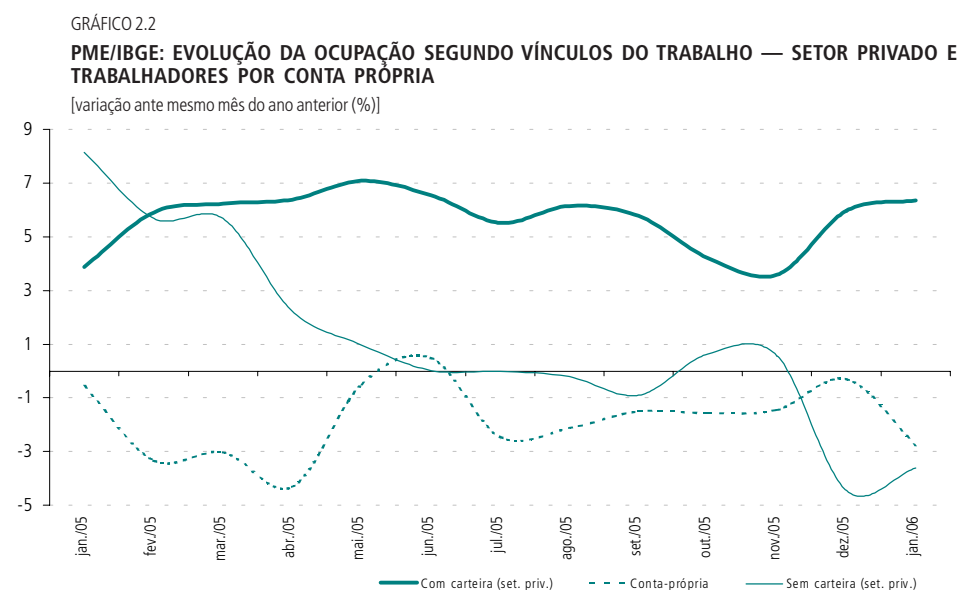
passado. Vale destacar que o crescimento da ocupação deu-se apenas no segundo semestre. Em janeiro de 2006, a expansão líquida de vagas foi de 7,1% ante o mesmo mês do ano anterior, ficando levemente abaixo dos 7,6% registrados em janeiro de 2005.

A administração pública² voltou a apresentar expansão da ocupação em 0,3% no último trimestre de 2005, ante o período anterior, revertendo — em parte — a queda de 0,9% ocorrida no terceiro trimestre (na mesma comparação). A variação diante do mesmo período do ano anterior elevou-se para 4,1%, caracterizando o setor como o segundo mais dinâmico do ponto de vista da criação de oportunidades de trabalho. Mesmo com a queda de 0,3% em janeiro ante dezembro, esse setor ainda aponta forte crescimento — ante mesmo mês do ano anterior — de 4,5%, sendo, inclusive, muito superior ao de janeiro de 2005 (1,1%).

Os serviços domésticos, que vinham registrando crescimento do emprego a taxa de dois dígitos no final de 2004, manteve o ritmo por quase todo o primeiro semestre de 2005 para perder força em agosto, iniciando uma trajetória de desaceleração de crescimento até registrar em outubro, ante o mesmo mês do ano anterior, variação de apenas 1,9%. No entanto, esse setor voltou a contratar mais nos meses seguintes, chegando a alcançar 5,5% de expansão em janeiro, ante o mesmo mês de 2005.

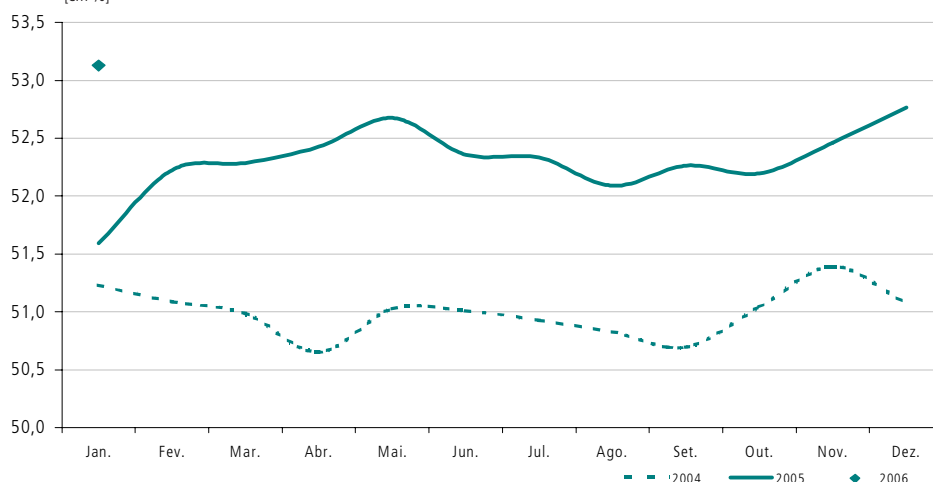
Pela análise da ocupação segundo os diferentes vínculos de trabalho, permanece a expansão anual dos empregos com carteira em ritmo superior à dos sem carteira e trabalhadores por conta própria (Gráfico 2.2). Esse movimento, iniciado em fevereiro de 2005, tem se mantido desde então, caracterizando o ano passado como o de maior crescimento de empregos formais da nova série da PME. Em 2005, de todos os empregos criados, em termos líquidos, mais de 95% foram formais.

O movimento de forte expansão dos empregos com carteira do setor privado se ampliou em dezembro — transformando a variação anual de 3,6% no mês anterior para 6%. Em janeiro, a aceleração de crescimento se repetiu, produzindo uma elevação anual de 6,4%. Paralelamente, os empregos sem carteira — também do setor privado — se retraíram, na mesma comparação, por dois meses seguidos, aumentando assim o diferencial de crescimento desses dois contingentes. A isso veio somar-se, pelo sétimo mês consecutivo, o movimento de queda anual do contingente de trabalhadores por conta-própria.



2. Essa classificação também compreende educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

GRÁFICO 2.3
PME/IBGE: GRAU DE FORMALIDADE
 [em %]



Incluindo-se o setor público na análise, depois da queda do grau de formalidade³ de junho a agosto, esse indicador passou por sensível crescimento nos meses posteriores até atingir 53,1% em janeiro — o maior patamar desde dezembro de 2002 e que reverte todo o aumento da informalidade ocorrido em 2003. Se esse movimento persistir, o grau de formalidade do mercado de trabalho poderá alcançar níveis recordes ainda neste ano, se analisada a nova série da PME.

Ao contrário da PME — que apontou em dezembro e janeiro uma aceleração do crescimento de empregos com carteira no acumulado em 12 meses —, no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do MTE persiste a desaceleração no ritmo de criação de vagas formais. No acumulado de 2005, o fluxo líquido de novos empregos chegou a 1,25 milhão, representando uma queda de 17,7% ante 1,52 milhão de novos empregos formais em 2004. Em janeiro de 2006, a criação de apenas 87 mil novas vagas — diante das 116 mil novas ocupações no mesmo mês de 2005 — deu continuidade ao arrefecimento no surgimento de novos empregos em 12 meses (1,22 milhão).

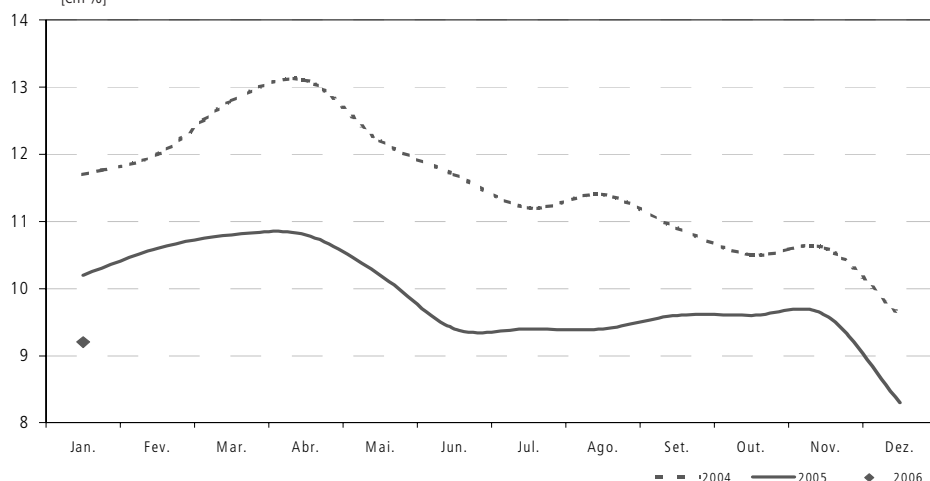
Analisada a ocupação por grau de escolaridade, fica cada vez mais evidente a maior seletividade do mercado de trabalho. Desde 2003, há um contínuo crescimento da participação de trabalhadores com 11 ou mais anos de estudo no total de ocupados. Essa evolução se deu de tal maneira que praticamente todos os novos empregos criados beneficiaram apenas os mais escolarizados, enquanto os trabalhadores menos instruídos — os grupos de pessoas ocupadas sem instrução e com até 1 ano de estudo, de 1 a 3 e de 3 a 7 anos — sofreram perda de empregos em termos líquidos.

DESEMPREGO

A taxa de desemprego mostrou, no segundo semestre de 2005, um comportamento muito distinto do ocorrido nos primeiros seis meses do ano (Gráfico 2.4): após cair de maneira rápida no segundo trimestre de 2005 — mais que compensando a alta registrada no período imediatamente anterior — a taxa de desemprego se manteve estagnada em quase todo segundo

3. Grau de formalidade é conceituado aqui como a razão da soma dos trabalhadores com carteira assinada, militares e estatutários (RJU) pelo total da ocupação.

GRÁFICO 2.4
PME/IBGE: TAXA DE DESEMPREGO
[em %]



semestre — período em que sazonalmente há tendência de queda nesse indicador. Essa estabilidade refletiu a combinação de um ritmo modesto de criação de vagas em quatro dos seis últimos meses do ano passado — dificultando os movimentos de reduções na taxa de desocupação — com a desaceleração do ritmo de crescimento anual da PEA, o que impediu que a geração insuficiente de postos de trabalho resultasse em elevações na taxa de desemprego.

O arrefecimento da expansão da PEA não foi um fato isolado em 2005, mas uma tendência que já vem ocorrendo em praticamente toda série da nova PME. O crescimento médio anual desse contingente, que era de 2,2% no acumulado de 2004, passou para 1,1% em 2005. Em janeiro de 2006 a expansão da PEA foi de 1,6% ante o mesmo mês do ano passado, bem abaixo dos 2,4% de janeiro de 2005 (Tabela 2.2). A perda de ímpeto da PEA

TABELA 2.2
PME/IBGE: PIA, PEA E OCUPADOS
[variação ante o mesmo mês do ano anterior (%)]

Período	PIA	PEA	Ocupados				
			Total	Empregados do setor público	Empregados do setor privado		Conta-própria
					Com carteira	Sem carteira	
Média 2003 ^a	2,1	5,7	4,7	-0,1	1,9	10,8	8,4
Média 2004	2,0	2,2	3,2	1,6	2,0	5,4	5,0
Média 2005	2,1	1,1	3,0	2,9	5,6	1,5	-1,7
Jan./2005	2,4	2,4	4,1	3,7	3,9	8,1	-0,6
Fev./2005	2,3	2,1	3,7	3,2	5,9	5,7	-3,3
Mar./2005	2,3	1,7	3,9	5,1	6,2	5,7	-3,0
Abr./2005	2,4	0,7	3,3	5,0	6,4	2,2	-4,3
Mai./2005	2,0	1,4	3,8	2,7	7,1	1,0	-0,5
Jun./2005	1,9	0,7	3,4	1,4	6,6	0,0	0,5
Jul./2005	1,8	0,3	2,3	-0,8	5,5	0,0	-2,5
Ago./2005	2,1	0,2	2,4	-0,5	6,2	-0,2	-2,1
Set./2005	2,2	0,8	2,3	2,1	5,8	-0,9	-1,5
Out./2005	2,1	1,1	2,1	4,4	4,2	0,6	-1,6
Nov./2005	2,1	0,8	2,0	3,4	3,6	0,6	-1,4
Dez./2005	2,0	1,0	2,4	5,3	6,0	-4,5	-0,3
Jan./2006	1,8	1,6	2,6	6,4	6,4	-3,6	-2,8

^a Média anual de março a dezembro.

resultou em queda da taxa de participação média em 2005 para 56,6%, ante 57,2% em 2004. Em janeiro de 2006 esse indicador caiu ainda mais (56%).

RENDIMENTOS DO TRABALHO

O processo de recomposição dos rendimentos médios reais habitualmente recebidos (Gráfico 2.5) prosseguiu em 2005. Após a queda de 1,4% em outubro (ante o mês anterior) os rendimentos voltaram a crescer 0,4% e 1,8% em novembro e dezembro, respectivamente. A expansão de dezembro foi tão forte que impulsionou a variação desse indicador ante o mesmo mês do ano anterior para 5,8%, o maior patamar já alcançado na nova metodologia da PME. O recuo da inflação em 12 meses e o reajuste de salários nominais (Gráfico 2.6), tendo por base a inflação passada, explicam esse comportamento. Contudo, houve nova interrupção no processo de expansão desse indicador em janeiro, com a queda de 1,2% ante o mês anterior, reduzindo assim a variação anual para 2,3%.

Quando analisados os rendimentos médios segundo os diferentes setores e posições na ocupação (Tabela 2.3), observam-se algumas diferenças importantes. Os trabalhadores com

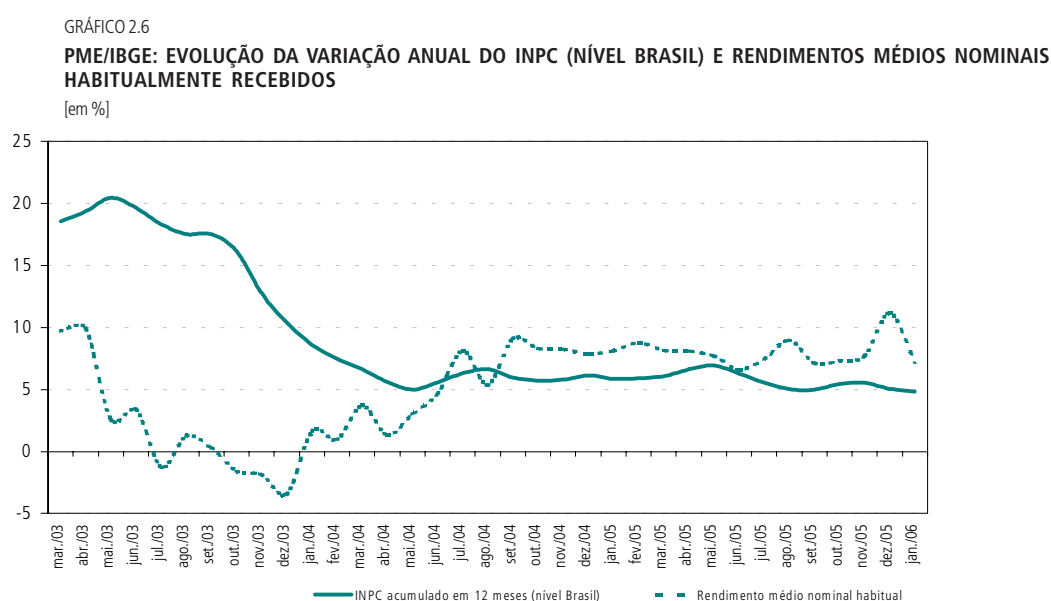
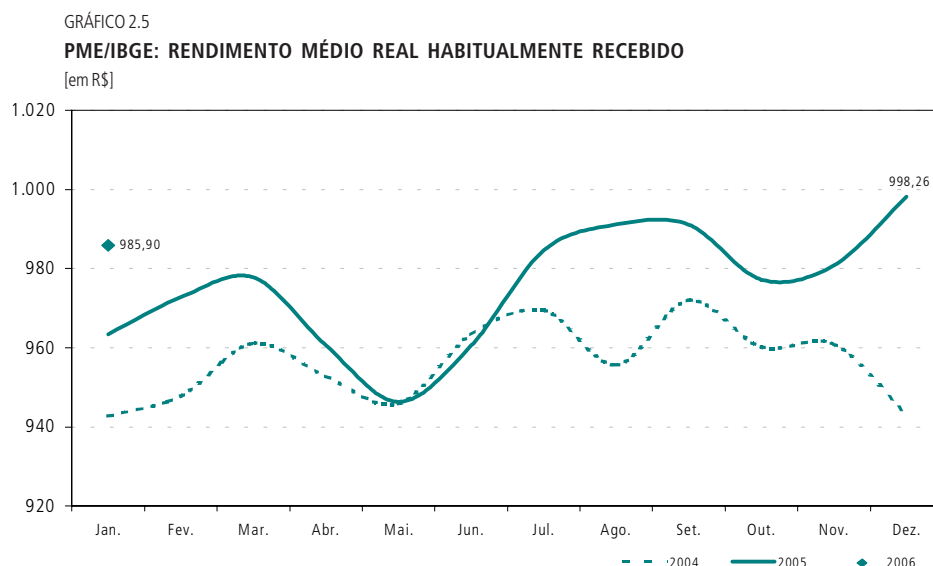


TABELA 2.3

PME/IBGE: RENDIMENTOS MÉDIOS HABITUALMENTE RECEBIDOS SEGUNDO SETOR E POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO
[variação ante o mesmo mês do ano anterior (%)]

Meses	Ocupados				
	Total	Setor público	Setor privado		Conta-própria
			Com carteira	Sem carteira	
Média 2003 ^a	-12,9	-7,2	-7,9	-7,5	-20,4
Média 2004	-0,7	-1,9	0,3	-0,2	-0,1
Média 2005	2,0	4,0	-0,8	5,1	1,8
Jan./2005	2,2	4,1	-1,3	9,6	-1,1
Fev./2005	2,6	7,1	-1,4	8,0	1,6
Mar./2005	1,7	3,7	-0,8	6,4	-2,6
Abr./2005	0,8	4,5	-2,6	4,0	-2,9
Mai./2005	0,0	2,6	-1,7	-2,6	-4,2
Jun./2005	-0,3	3,3	-2,0	0,0	-0,9
Jul./2005	1,6	4,3	-1,0	3,8	0,7
Ago./2005	3,7	5,6	1,9	5,4	4,2
Set./2005	2,0	2,3	0,3	1,3	6,7
Out./2005	1,8	1,3	-1,0	7,3	3,8
Nov./2005	2,1	5,5	-0,4	4,1	5,2
Dez./2005	5,8	3,9	0,7	13,5	11,5
Jan./2006	2,3	2,7	0,0	4,3	5,7

^a Média de março a dezembro.

carteira do setor privado foram os únicos a registrar queda em seus rendimentos reais na média de 2005 (-0,8%). Porém, em janeiro de 2006, houve estabilidade desse indicador, ante queda anual de 1,3% no mesmo mês de 2005.

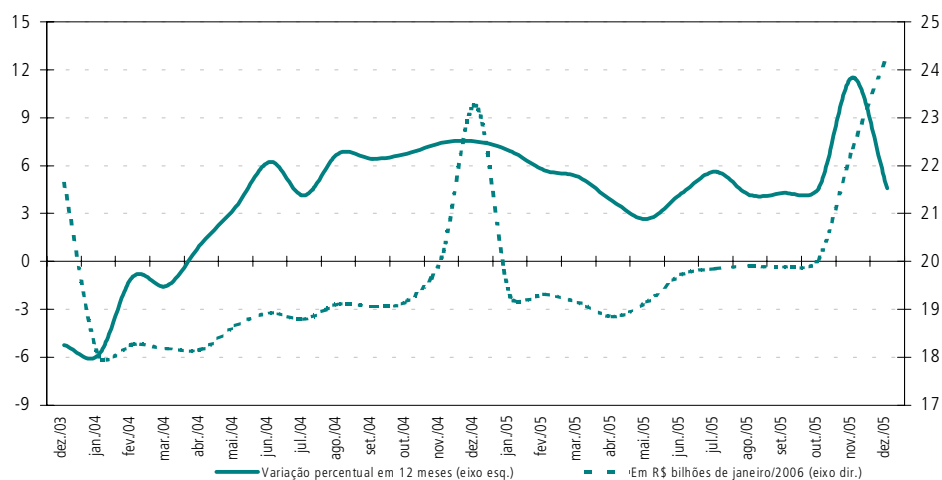
Já os ocupados sem carteira assinada do setor privado foram os que apresentaram maior crescimento dos rendimentos reais, com um avanço de 5,1% na média anual de 2005. Em janeiro deste ano, esse contingente ganhou o segundo maior crescimento anual desse indicador (4,3%), perdendo apenas para os trabalhadores por conta própria (5,7%). Esses trabalhadores autônomos, que em janeiro tiveram a maior variação média de renda na comparação com igual período do ano passado, na média anual de 2005 tiveram o menor crescimento (1,8%).

Em relação à massa salarial,⁴ seu crescimento em novembro foi expressivo (11,6% ante outubro), elevando assim a variação ante mesmo mês do ano anterior para 11,5% — patamar inédito. Em dezembro o crescimento mensal de 8,7%, ante mês anterior, mesmo ainda sendo expressivo, como foi em um ritmo menor do que no mês anterior, acabou reduzindo a variação anual para 4,6%.

4. Considerada aqui pela multiplicação do total da ocupação pelos rendimentos médios reais efetivamente recebidos.

GRÁFICO 2.7

PME/IBGE: MASSA SALARIAL EFETIVA



PERSPECTIVAS

O mercado de trabalho, após relativa estagnação ao longo de quase todo o segundo semestre de 2005, voltou a apresentar maior aquecimento em dezembro (considerado o melhor dezembro da nova série da PME em termos de redução na taxa de desemprego) e janeiro deste ano. Em 2006, o mercado de trabalho deve seguir na esteira do melhor dinamismo da atividade econômica. Com juros em trajetória cadente, maior consumo das famílias, maiores gastos do governo e o provável fim do período de ajuste de estoques na indústria, a atividade econômica deve ganhar força, aumentando, com alguma defasagem, o dinamismo do mercado de trabalho, especialmente no que se refere à geração de empregos em relação ao registrado em 2005.